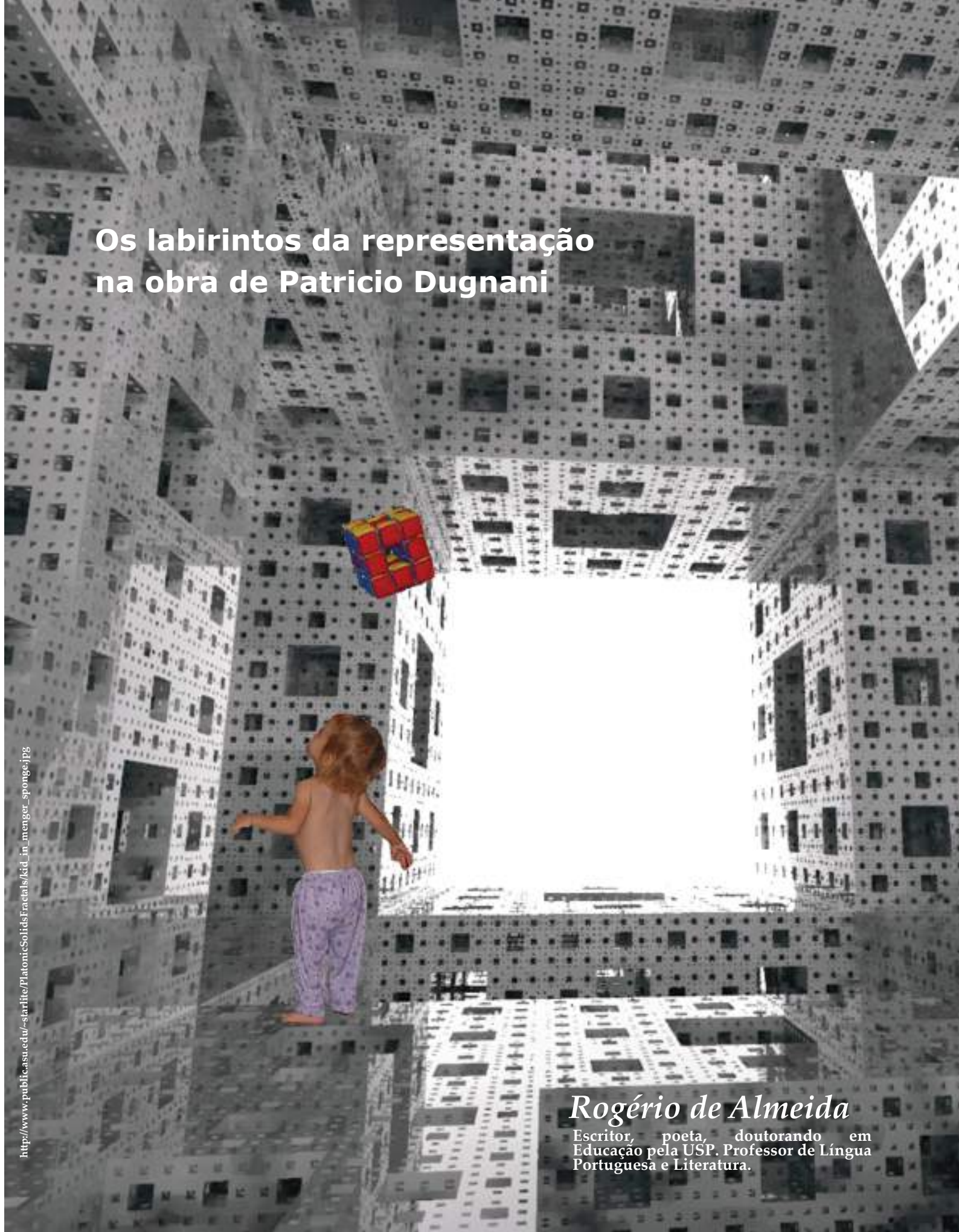


A surreal image featuring a young child with curly hair, seen from behind, standing on a ledge of a complex, three-dimensional structure made of white cubes with black square holes. The structure is a Menger cube, a fractal that creates an infinite, labyrinthine space. A small, colorful Rubik's cube is floating in the air above the child. The background is a bright, white light source, creating a strong contrast with the dark shadows of the cube's holes. The overall effect is one of a child exploring a vast, complex, and somewhat disorienting architectural space.

Os labirintos da representação na obra de Patricio Dugnani

Rogério de Almeida

Escritor, poeta, doutorando em
Educação pela USP. Professor de Língua
Portuguesa e Literatura.

Borges nos ensina, em seu **Labirinto**, que “não haverá nunca uma porta”, razão pela qual não há o que esperar. E então, morta a esperança, só nos resta transitar pelo labirinto, tateando as paredes, perscrutando caminhos, ainda que saibamos que não nos levarão a canto algum. Esse labirinto, em sua disseminante imagem, é o duplo do mundo e a nossa tentativa de transpô-lo associada à impossibilidade, à consciência dessa impossibilidade e a desesperança de qualquer possibilidade é que torna o mundo absurdo.

É esse labirinto-absurdo o que nos propõe Patricio Dugnani em seu **Livro dos Labirintos**. Absurdo porque o sentido da existência não está em lugar nenhum e, por isso mesmo, está em toda parte. Como uma circunferência sem centro. Labirinto porque cada conto do livro se espelha em outro conto e é um corredor sem saída, o qual nos leva a outro corredor sem saída e outro corredor sem saída, multiplicando a desesperança sem nunca nos deixar desistir. Estranho paradoxo, mas que é a essência do labirinto.

A literatura de Patricio Dugnani, herdeira de Kafka e de Borges, dá mais uma volta no parafuso da modernidade, que se prende cada vez mais em seu próprio paradoxo: sua busca obsessiva e concêntrica pela razão fez com que, a cada volta do parafuso, se perdesse a razão, apertando-se então contra um absurdo que é sua própria contradição. Mas se esse absurdo é uma sombra gigantesca que eclipsa o sentido de cada palavra kafkiana, em Dugnani o absurdo ilumina a faceta do gozo, não o gozo da existência, mas o da representação. E aqui a sua atualidade pós-moderna.

O **Livro dos Labirintos** realiza em ficção a pós-orgia celebrada por Baudrillard: “Só podemos agora simular a orgia e a liberação, fingir que prosseguimos acelerando, mas na realidade aceleramos no vácuo, porque todas as finalidades da liberação já ficaram para trás, e o que nos preocupa, o que nos atormenta é essa antecipação de todos os resultados, a disponibilidade de todos os signos, de todas as formas, de todos os desejos. Que fazer então? Isso é o estado de simulação, aquele em que só podemos repetir todas as cenas porque elas já aconteceram – real ou virtualmente.”

É assim que O **Livro dos Labirintos** nos transporta para a representação do cavaleiro medieval que, derrotado por um dragão, sai em

busca do escritor que concebeu seu destino para, afrontando-o, tomar a sua pena (ou seria melhor dizer o seu computador) e escrever sua própria história (*Contos circulares*). Cervantes nos libertou das novelas de cavalaria por meio de seu **Quixote**, mas Dugnani nos liberta agora de **Quixote**. Não há mais como representar o cavaleiro nem mesmo o sonho-loucura de sê-lo, então só resta representar a representação de quem o representa, mostrar que tudo é ficção. Ou, como quer Baudrillard, que tudo é simulação.

Mas os **labirintos** de Dugnani não lamentam essa situação, antes se valem dela para o gozo da representação. Então vemos proliferar em suas páginas uma gama variada de personagens, cujos destinos são conduzidos magistralmente pela batuta do autor que simula situações, peripécias e reviravoltas com a mestria do demiurgo.

O demiurgo organiza a matéria preexistente e cria um universo, inventa um mundo. E quando, seduzidos pelas palavras e pelos mistérios, somos enredados nesse labirinto, já não sabemos como voltar, já não voltamos o mesmo. O demiurgo nos ensina que é preciso reinventar o mundo, contar todos os seus segredos, principalmente os que não existem. São esses segredos que se encontram no **Livro dos Labirintos**, segredos de um mundo reinventado, histórias de verdades imaginadas, com as quais Patricio Dugnani ilude ora seus leitores, ora sua própria trama, ora a si mesmo, num jogo de espelhos e referências cruzadas cujo fio de Ariadne é a impossibilidade de se atingir ou desvelar a verdade.

Essa busca pelo segredo que não existe é o segredo do labirinto. É assim que acompanhamos o **Último Mistério de Poe**, em que se revela sua paixão pela criptografia, a arte de esconder segredos, ou o **Diário do Imperador**, cujo segredo é, ao mesmo tempo, sua derrota e vitória. Paradoxo que é retomado pela **Seita do Esquecimento**, cujo registro é prova do não-esquecimento. E a lista poderia ser aqui acrescida de outros tantos contos, dos 39 ou 38 que perfazem o livro. 38 ou 39? A hesitação não é minha, é obra também do autor, que nos apresenta o anticonto **Entropia** (ou *a máxima liberdade de interpretação*). Seria impossível reproduzi-lo aqui, mas sobre ele é possível dizer que sua originalidade atinge o maior grau de liberdade possível, desafiando o leitor a uma interpretação imaginária.

A qualidade máxima do **Livro dos Labirintos** é essa habilidade do autor em desconstruir todas as representações (orgia) para reconstruir a simulação dessas representações (pós-orgia), mas de modo não a esvaziar o texto de sentido, mas de alçá-lo ao plano do fantástico, no qual esse sentido vem imaginariamente redobrado, multiplicado, pluralizado. Os caminhos do labirinto.

O índice, por exemplo, que em qualquer obra tem a função de racionalizar o mapa das páginas e de seu conteúdo, nesta obra apresenta-se contaminado pela (des)orientação labiríntica: o título está lá, a referência é correta, mas as páginas estão em uma outra ordem numérica, quebram a linearidade e simulam a liberação da sequência. O leitor hesita entre seguir linearmente conto a conto ou entrar no labirinto, que nos joga ora a uma página, cujo número correspondente temos que procurar, ora a outra.

E seguindo os descaminhos do labirinto encontramos um narrador também labiríntico, que nos enreda em seus raciocínios e nos convida a uma dupla leitura: com um olho suspendemos nossa descrença, como queria T. S. Elliot, e embarcamos no enredo; com o outro sorrimos da ingenuidade do narrador e, duvidando de sua narração, nos aliamos ao autor e gozamos a representação. Como ocorre em **Moscas**, por exemplo, em que o narrador-personagem se vê obrigado a sair de casa, depois de muito tempo e contra sua própria vontade; acompanhamos sua hesitação com perplexidade: é absurdo viver assim, mas é assim que quase vivemos. Ou então como acontece em **O Metrô**, cuja passividade do narrador-personagem, que se auto-engana com argumentos deslumbrados e ineficazes, nos irrita, principalmente por refletir nossa própria imagem diante de um mundo cada vez mais complexo e impessoal.

Essa estratégia de narração, mais do que um estilo, é o ponto alto da obra, o que a circunscreve como literatura fantástica pós-moderna. O cruzamento de referências, de histórias, de narradores, a circularidade que nos atira numa espiral vertiginosa, em que tempo e espaço se entrelaçam e se espatifam simultaneamente, todas essas características fazem do livro uma obra contemporânea de grande valor literário e em sintonia com o pensamento da incerteza da nossa época. Como esclarece Durand, o labirinto está contaminado de ambigüidade. O arquiteto da prisão torna-se o próprio prisioneiro de sua invenção.

É isso o que testemunhamos acerca das personagens que povoam o **Livro dos Labirintos**, estão presas em sua própria condição de representação. E nós, leitores, também. Então, diante das histórias do livro nos perguntamos: isso é verdade? isso é mentira? Já não importa saber se o Átila personagem coincide com o da História, se o Sêneca morreu mesmo desse jeito, se tal ou qual guerra aconteceu. O passado, aqui, vale tanto

quanto o futuro: são representações. Seguindo o conselho de Barthes, Patricio Dugnani trapaceia com a língua, trapaceia a língua e escapa do impossível. Representando-o como labirinto.

REFERÊNCIAS:

BAUDRILLARD, Jean. **A Transparência do Mal: ensaio sobre os fenômenos extremos**. Campinas: Papirus, 1990.

BORGES, Jorge Luis. **Nova Antologia Pessoal**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969.

DUGNANI, Patricio. **O Livro dos Labirintos**. São Paulo: Zouk, 2004.

DURAND, Gilbert; SUN, Chaoying. **Mythe, Thèmes et Variations**. Paris: Desclée de Brouwer, 2000.

KAFKA, Franz. **Antologia de Páginas Íntimas**. Lisboa: Guimaraes, 1997.

